

Técnicas para o desenvolvimento da aprendizagem em aula

Tendo tratado da aprendizagem como o ponto central em torno do qual deverá gravitar a ação docente, e considerando que os objetivos a serem alcançados deverão permitir o desenvolvimento dos aprendizes na área do conhecimento, de habilidades e de atitudes ou valores, o assunto deste capítulo se reveste de grande importância.

É verdade que muitos dos docentes do ensino superior têm uma dupla atitude com relação às técnicas: superexigentes no conhecimento, no uso e na atualização de suas técnicas cirúrgicas, diagnósticas, de avaliação e planejamento, de uso e domínio de língua estrangeira e de informática, de interpretação dos códigos, nos mais variados tratamentos de saúde, de coleta e interpretação dos dados de qualquer fenômeno social. Quanto à sua ação docente, porém, um descaso total com a tecnologia, acreditando que é suficiente o domínio de um conteúdo para entrar em uma sala de aula e conseguir que os alunos aprendam. Chegam mesmo a apelidar de "perfumarias" quaisquer tentativas de se procurar trabalhar tecnicamente em educação.

Ainda hoje, em sua grande maioria, os docentes do ensino superior preocupados em transmitir informações e experiências se utili-

zam praticamente de aulas teóricas expositivas e de aulas práticas. Nestas se procura ou demonstrar o que se disse na aula teórica, ou se exige que o aluno faça aquilo que foi ensinado na aula expositiva. Muitas vezes para a aula expositiva são usados alguns recursos audiovisuais, como retroprojetor e transparências (que em geral substituem o quadro-negro, branco ou verde), e servem para o professor ler suas anotações.

Ao tratar das técnicas possíveis de ser usadas em aulas para colaborar com a aprendizagem, queremos em primeiro lugar dizer que entendemos por "técnica" o sentido que lhe atribui o *Dicionário Larousse Cultural*, ou seja, o conjunto de recursos e "meios materiais utilizados na confecção de uma arte", e em nosso caso na realização de uma arte que se chama docência. São exemplos de técnicas: recursos audiovisuais, dinâmicas de grupo, aulas expositivas, aulas práticas, uso do quadro-negro, internet, ensino por projetos, leituras, pesquisa, estudos de caso, visitas técnicas, e outros mais como veremos adiante.

Mais abrangente que técnicas me parece o termo "estratégia" para indicar os meios que o professor utiliza em aula para facilitar a aprendizagem dos alunos. Procurando conceituar de maneira mais formal, podemos dizer que as estratégias para a aprendizagem constituem-se numa arte de decidir sobre um conjunto de disposições, que favoreçam o alcance dos objetivos educacionais pelo aprendiz, desde a organização do espaço sala de aula com suas carteiras até a preparação do material a ser usado, por exemplo, recursos audiovisuais, visitas técnicas, internet etc., ou uso de dinâmicas de grupo, ou outras atividades individuais.

Essencial no conceito de técnicas ou estratégias é sua característica de *instrumentalidade*. Todas as técnicas são instrumentos e como tais necessariamente precisam estar adequadas a um objetivo e ser eficientes para ajudar na consecução deste.

Três conseqüências decorrem imediatamente dessa afirmação:

1. Como no processo de aprendizagem trabalhamos com vários objetivos (de conhecimento, de habilidades e competências, afetivo-emocionais e de atitudes ou valores), é lógico que tenhamos de usar múltiplas técnicas. Ou, em outras palavras, não é possível querermos ajudar os alunos a conseguirem tantos objetivos usando apenas uma ou duas técnicas. Há necessidade do conhecimento das diferentes técnicas que sejam mais adaptadas a este ou àquele objetivo.
2. A segunda conseqüência é a seguinte: cada grupo de alunos ou cada turma ou cada classe são diferentes uns dos outros. Para o mesmo objetivo, determinada técnica pode ajudar um grupo e não servir para outro pelas mais diferentes razões, por exemplo, devido ao turno em que acontece a aula (manhã, tarde ou noite), à composição do grupo, à energia pessoal do próprio professor, ao estado físico ou motivacional do aluno, ao clima estabelecido na classe, a incidentes críticos acontecidos com determinado grupo, a fatos supervenientes, e assim por diante. Isso nos alerta para a necessidade de conhecermos e dominarmos várias técnicas que possam ser utilizadas tendo em vista o mesmo objetivo.
3. A necessidade de variar as técnicas no decorrer de um curso, o que se faz oportuno, pois elas são um forte elemento de atuação sobre a motivação dos alunos, assim como a necessidade de se propor claramente os objetivos a serem alcançados. É o que se pede aos alunos no decorrer das aulas: eles se sentirão mais ou menos envolvidos; mais ou menos responsáveis; mais ou menos participantes; mais ou menos capazes para aprender. De nossa própria experiência como alunos, podemos lembrar de professores que eram excelentes especialistas em seus conteúdos e também capazes de estabelecer um clima de descontração em sala de aula, de diálogo com os alunos, dois fatores altamente favoráveis para uma aprendizagem significativa; entretanto, talvez desinformados, talvez de fato não

dando valor às estratégias, repetiam uma única maneira de dar aula, do começo ao fim do ano. Depois de dois ou três meses a produção da classe decalca, não sendo o desafio unicamente intelectual suficiente para manter os alunos em estado de alerta; é como se a classe começasse a se sentir "cansada" daquelas aulas, embora reconhecendo sua validade e o bom nível do conteúdo fornecido.

A variação das técnicas permite que se atenda a diferenças individuais existentes no grupo de alunos da turma: enquanto uns aprendem mais ouvindo, outros aprendem mais debatendo, dialogando, outros ainda realizando atividades individuais ou coletivas durante o tempo de aula. Uma única maneira de dar aulas favorecerá sempre os mesmos e prejudicará sempre os mesmos.

A variação de técnicas favorece o desenvolvimento de diversas facetas dos alunos: por exemplo, se um curso todo é dado sob forma de aulas expositivas, não estará desenvolvendo a habilidade de trabalhar em grupo, de se expressar, de resolver problemas, apesar de estar desenvolvendo a capacidade de ouvir e receber informações.

Também para o professor, a variação na maneira de dar as aulas traz vantagens: também para ele o curso se torna dinâmico, desafiador, na medida em que exige renovação, informação sobre estratégias, flexibilidade, criatividade ao dar as aulas.

A instrumentalidade das técnicas traz consigo uma decorrência: *a relatividade da técnica*. Este também é um ponto muito importante para nossa reflexão: se alguns docentes e instituições do ensino superior desqualificam qualquer importância ou relevância para o uso da tecnologia em seus cursos, outros usam dessa tecnologia como charmariz para seus vestibulares, querendo com isto indicar a modernidade ou atualização na formação de seus profissionais. Só tecnologia

moderna não resolve nossos problemas educacionais de aprendizagem e formação. Ela é um instrumento; portanto, se não revirmos nossa posição quanto aos grandes princípios educacionais, e não proporcionarmos formação continuada e em serviço para os professores, bem como condições adequadas de trabalho, de nada adiantará dispormos de alguma tecnologia.

Tecnologia educacional em educação é muito importante desde que venha como instrumento colaborativo das atividades de aprendizagem.

O que se espera do professor com relação às técnicas? Vale a pena a reflexão, pois muitas pessoas podem vê-lo apenas como aplicador de técnicas.

O professor para nós é um educador e como tal tem clareza dos objetivos educacionais que se pretendem com seus alunos. É também o profissional da aprendizagem enquanto se responsabiliza pela gestão das situações da aprendizagem. Assim sendo, no campo das técnicas, espera-se dele atitude básicas:

1. que o professor tenha conhecimento de várias técnicas ou estratégias, bem como o domínio do uso destas para poder utilizá-las em aula;
2. que o professor desenvolva capacidade de adaptação das diversas técnicas, modificando-as naquilo que for necessário para que possam ser usadas com aproveitamento pelos alunos individualmente ou em grupos;
3. que o professor, pelo conhecimento e domínio prático de muitas técnicas e por sua capacidade de adaptação das técnicas existentes, se torne capaz de criar novas técnicas que melhor respondam às necessidades de seus alunos. Afinal, técnicas são instrumentos e como tais podem ser criadas por aqueles que vão usá-las.

Com isso queremos dizer que se espera do professor uma atitude de muito ativa e de intervenção dinâmica no campo das estratégias.

Mas, afinal, com que estratégias podemos contar?

Para análise e discussão, vamos organizá-las em três grupos: técnicas que são usadas em ambientes presenciais e universitários; técnicas usadas em ambientes reais de profissionalização; técnicas presentes em ambientes virtuais.

I. Técnicas usadas em ambientes presenciais e universitários

I.a. Como iniciar uma disciplina, aquecer um grupo ou desbloqueá-lo?

São várias as técnicas de que dispomos para iniciar um curso ou aquecer um grupo de alunos para trabalharem em aula. Vamos indicar alguns exemplos apenas, esperando que os professores possam, com sua prática, enriquecer e ampliar essas sugestões.

Apresentação simples

Apresentação cruzada em duplas

Complemento de frases

Desenhos em grupo

Deslocamento físico

Brainstorming

São objetivos dessas técnicas:

- colaborar para que membros de um grupo que vão trabalhar juntos durante certo tempo se conheçam em um clima descontraído;

- preparar uma classe que no início se mostra apática para um relacionamento mais vivo e, portanto, mais favorável à aprendizagem da disciplina;

- expressar expectativas ou problemas que afetam o clima do grupo e o desempenho de seus membros, os quais professor e/ou alunos não percebem claramente ou têm dificuldade de expressar de modo direto, verbalmente;
- produzir grande número de idéias em prazo curto; desenvolver a originalidade e a desinibição;
- quebrar percepções aprioristicamente preconceituosas entre os membros da classe.

1. Apresentação simples

Cada membro do grupo, oralmente, se apresenta, dizendo alguma coisa de si mesmo nos vários aspectos de sua vida, inclusive suas preferências em momentos de lazer e em outros momentos de sua vida social. A apresentação pode ser entremeada com perguntas feitas pelos participantes.

Essa estratégia é mais aconselhável para grupos pequenos (20-25 pessoas). Além desse número, ela se torna cansativa. Por isso, outra técnica deverá ser escolhida.

2. Apresentação cruzada em duplas

Trata-se de uma variante da técnica anterior. Os participantes se reúnem em duplas durante seis minutos e deverão, nesse período, se apresentar um ao outro nos mesmos moldes descritos na apresentação simples. Cada um tem três minutos para fazer sua apresentação ao colega. Cada elemento da dupla deverá dar toda atenção ao colega, pois, no momento seguinte, deverá apresentá-lo ao grupo. A apresentação cruzada costuma ser bastante informal, criando frequentemente momentos jocosos e hilariantes, e de grande aproximação entre o grupo. Este é, de fato, o objetivo da técnica.

Como a anterior, essa técnica é mais aconselhável para grupos de 25 ou, no máximo, 30 pessoas. Além desse número, precisamos escolher outra técnica.

3. Complementação de frases

Por vezes, encontramos uma turma muito inibida, com pouca disposição de se comunicar oralmente. Nessa condição, uma técnica que pode ajudar o desbloqueio é a complementação de frases. Em que consiste? O professor prepara um cartão para cada aluno, no qual escreve um início de frase, que será complementado pelo aluno, livremente. Em seguida, recolhem-se os cartões e se redistribuem aleatoriamente, de forma que cada aluno, agora, tem uma frase completa, que não foi escrita por ele, e ninguém sabe por quem o foi, e é convidado a ler a frase em público para todos os colegas. A inibição diminui, pois aquela leitura praticamente não compromete o leitor; e com base nela o professor pode fazer outras questões ou outros alunos podem querer ler frases semelhantes. O desbloqueio se inicia.

Exemplos de frases: Vim para este curso...; Esta disciplina serve para...; Nesta disciplina espero aprender...; Meus colegas dizem que esta disciplina...; Em meus momentos de lazer...; Socialmente eu...; Com relação à minha profissão... etc.

É uma técnica que pode ser usada com pequenos e grandes grupos, dando a oportunidade de todos se manifestarem, ouvirem uma grande parte de depoimentos e conhecerem o grupo de modo geral, sobretudo se o professor recolher os cartões e examiná-los posteriormente.

4. Desenhos em grupos

Essa é uma técnica que poderá ser usada com grandes grupos, desde que tenhamos espaço físico suficiente. Divide-se a turma em grupos de cinco a sete pessoas no máximo. Dá-se um tema a respeito

do qual se pede que os grupos debatam durante 15 minutos, procurando chegar a algumas idéias comuns. Após esse tempo, pede-se que cada grupo procure uma forma de comunicar a toda a turma as idéias a que chegaram seus integrantes, sem usar a palavra oral ou escrita. Ou seja, procurem comunicar-se mediante outros recursos, por exemplo: o desenho, a representação estática ou dinâmica, gestos etc. O professor terá levado para sala de aula folhas de papel-jornal ou cartolinas, com pincéis atômicos para os desenhos, ou outro material que julgar conveniente, como revistas, fotos etc. para se fazer uma colagem. Dá-se um tempo de mais 15 minutos para a realização dessa atividade.

Certamente haverá muita reclamação por parte dos alunos que não estão acostumados a esse tipo de comunicação, alguns dirão não saber fazer a atividade, outros vão afirmar que "isto é coisa de escola fundamental" etc. Ao que responderemos que desejamos apenas desenvolver outros tipos de comunicação que, em geral, estão emborçados em nós; que procurem ajuda entre os colegas de outros grupos (não esqueçamos que nosso objetivo é a interação grupal) etc.

Encerrado o tempo estipulado, cada grupo é chamado para fazer sua apresentação ou expor seu desenho. Inicialmente, sem manifestação do grupo que está expondo, pergunta-se à classe quais idéias estão sendo comunicadas. Após cerca de dois minutos, dá-se a palavra ao grupo para se explicar. O diálogo aproxima muito os grupos e a turma de diversas formas, e ao professor oferece oportunidade de conhecer o que seus alunos pensam a respeito do assunto sobre o qual se dialogou.

A técnica permite que os alunos do pequeno grupo se entrossem e interajam com a classe como um todo de uma forma, em geral, descontraída. É muito importante que o encaminhamento dessa atividade dado pelo professor esteja explicitamente relacionado com objetivos de aprendizagem esperados, para que os alunos não entendam a atividade apenas como uma "brincadeira" inconsequente durante a aula.

5. Deslocamento físico

Nem sempre nos damos conta de que o tempo que os alunos permanecem sentados, levando em consideração o desconforto das carteiras, traz grande probabilidade de desatenção e apatia durante as aulas. Donde a necessidade de provocarmos deslocamentos físicos dos alunos e/ou do professor. Por exemplo, logo no início da aula solicitar colaboração para arrumar as carteiras em forma de semicírculo, o que favorece muito mais a participação dos alunos nas aulas; se o professor for dar uma aula expositiva, abrir espaço entre as carteiras para que possa transitar livremente entre os alunos, até o final da sala, e fazer esse deslocamento aproximando-se dos mais variados alunos e ocupando os espaços da sala de aula diversas vezes durante a exposição; programar atividade de grupo que obrigue os alunos a mudarem de local na sala; lembrar que várias dinâmicas de grupo permitem deslocamentos maiores durante o tempo de aula. Isso poderá ser mais bem percebido adiante quando tratarmos das dinâmicas de grupo.

6. *Brainstorming*

Incluimos nessa categoria a técnica de *brainstorming* (tempestade cerebral) porque, freqüentemente, ela permite um desbloqueio, um aquecimento da classe, embora seu principal objetivo seja levar a um desenvolvimento da criatividade, bem como à produção de grande número de idéias em curto prazo de tempo.

Seu funcionamento, em geral, é o seguinte: orienta-se a classe para a atividade que vai acontecer, pedindo aos alunos que, ao ser apresentado o tema ou uma palavra, procurem verbalizar imediatamente, sem preocupação com o certo ou errado, com plena liberdade, sem censura, as associações que lhes vierem à mente. Evitar que se tenha tempo para pensar ou fazer longos raciocínios. Nessa técnica é importante a manifestação espontânea.

Combinado o procedimento, o professor apresenta um tema ou uma palavra que seja provocador(a) e instigante, escrevendo-a na lousa. Imediatamente se iniciam as verbalizações que o professor vai registrando na lousa, ao redor da palavra ou do tema escrito, sem se preocupar com nenhuma ordem ou organização, e sem fazer nenhum comentário a favor ou contra, evitando inclusive que suas reações às verbalizações sejam percebidas, justamente para incentivar as manifestações sem censura e total liberdade de associação.

Decorridos cerca de dois a três minutos (ou seja, um tempo não muito extenso), o professor encerra as manifestações e, então, juntamente com o grupo, começa a organizar as manifestações solicitando agora a participação para, por exemplo, se identificar tudo que seja possível acerca do que está registrado na lousa, que idéias são mais próximas do tema ou do conceito que a palavra escrita contém; ou agrupar as idéias por alguma semelhança; ou eliminar as que não possam ser colocadas em prática (o critério depende do tema proposto para a atividade). E num processo contínuo, de preferência com os alunos, o professor vai construindo o conceito ou o tema utilizando as colaborações apresentadas. Poderão surgir idéias que nada tenham a ver com o tema ou a palavra proposta. Será interessante deixá-las por último para que os próprios alunos cheguem a essa conclusão. Se não perceberem, o professor poderá mostrar por que não se incluem essas sugestões no trabalho realizado.

Certa vez, em um curso de formação de professores, quando o tema foi "Avaliação", tema em geral carregado de ansiedades e experiências negativas, o *brainstorming* foi muito importante para se exporem as defesas, os sentimentos negativos com relação ao tema, os aspectos pejorativos. Enfim, o aspecto emocional apareceu aí e pôde ser trabalhado, permitindo que em seguida se entrasse para a discussão do tema com mais tranquilidade, buscando e discutindo novas informações, novas experiências e com maior abertura para aprender.

l.b. De que técnicas dispomos para dar sustentação a uma disciplina durante um semestre ou um ano?

Tratando-se de ambientes presenciais em que a disciplina será ministrada, precisamos distinguir técnicas que poderão ser usadas em ambientes "universitários", ou seja, técnicas que poderão ser usadas em salas de aula, laboratórios, biblioteca, congressos, e assim por diante, das técnicas que poderão ser utilizadas em ambientes "profissionais", isto é, quando a aprendizagem se efetiva em ambientes próprios da atividade profissional para a qual o aluno está se preparando: estágios, visitas técnicas, excursões, prática clínica ou profissional em clínicas, escolas, empresas, escritórios, ambulatórios, postos de saúde, hospitais, fóruns, institutos de pesquisa.

Não podemos nos esquecer de que hoje dispomos de outro ambiente de aprendizagem, próprio da era tecnológica que estamos vivendo: o ambiente virtual de aprendizagem. Para esse ambiente também dispomos de técnicas específicas que precisamos comentar.

Vamos começar com técnicas que, em geral, são usadas em ambientes presenciais.

1. Aula expositiva

Trata-se de uma técnica que a maioria absoluta dos professores do ensino superior usa frequentemente. Como toda e qualquer técnica, sua escolha deverá se orientar pelos critérios básicos de seleção: adequação ao objetivo de aprendizagem pretendido e eficiência para colaborar na consecução deste.

Em geral, os professores a usam para transmitir e explicar informações aos alunos. Estes têm uma atitude de ouvir, anotar, por vezes perguntar, mas, em geral, de absorvê-las para reproduzir futuramente. Essa atitude do aluno, em geral, o coloca em uma situação passiva de receber e em condição que em muito favorece a apatia, a desatenção e o desinteresse pelo assunto.

Por tais razões, vale a pena recordar que a aula expositiva pode responder a três objetivos: abrir um tema de estudo; fazer uma síntese após o estudo do assunto procurando reunir os pontos mais significativos; estabelecer comunicações que tragam atualidade ao tema ou explicações necessárias.

Abriu um tema de estudo: por vezes é importante que, ao se iniciar um tema, o professor apresente um cenário bem amplo em que se coloca a importância, a atualidade do estudo a ser feito, bem como suas relações com outros assuntos, matérias do curso, com o exercício profissional. Essa preleção pode servir para motivar os alunos ao estudo do tema, dar vida a um conteúdo que pode parecer frio e desinteressante e orientar a realização do estudo propriamente dito do tema, para o que se utilizará de outras técnicas, por exemplo: atividades de grupo ou individuais, de pesquisa ou de leituras etc.

Fazer uma síntese do assunto estudado. Quando um estudo é realizado por diversos grupos, ou é resultado de contato com especialistas, ou apresenta vários aspectos que precisam ser considerados, mas que de alguma forma se perderam durante uma discussão ou um debate, ou não ficaram suficientemente claros, é interessante uma aula expositiva para recuperar esses aspectos de uma forma sintética. Mas observe-se: não se trata de repetir todas as informações estudadas, mas de fazer uma síntese conclusiva sobre o tema. Isso demandará um tempo de 20 minutos mais ou menos; será interessante porque os alunos já dominam o assunto, bem como possibilitará ver a síntese feita pelo professor.

Estabelecer comunicações que tragam atualidade ao tema ou explicações necessárias. O professor pode expor recentes descobertas, ou novas teorias, atualizando o conhecimento existente nos livros-texto ou em publicações acessíveis ao aluno. Pela preleção, o professor pode transmitir ao aluno explicações sobre os pontos difíceis, ressal-

tar aqueles mais importantes e sintetizar informações de difícil acesso aos alunos, ou colhidas em fontes diversas, tais como pesquisas, jornais, revistas etc.

Por que descartei dos objetivos da aula expositiva a transmissão cotidiana e contínua de informações ao aluno? Por uma razão: as informações básicas e fundamentais para a aprendizagem do aluno, em geral, encontram-se em fontes acessíveis a ele: livros-texto, livros e revistas em bibliotecas. Se o aluno for incentivado a buscar as informações, ele conhecerá a biblioteca, aprenderá a fazer uso dela, a buscar informações, o que lhe será útil para o resto de sua vida; aprenderá a ler e compreender o que os autores escrevem e resolver as dúvidas; ou mesmo aprenderá a ler livros de sua área; desenvolverá mais o raciocínio e a capacidade de pensar e trazer sua contribuição. Aprenderá a ser mais ativo em seu processo de aprendizagem e a valorizar mais o encontro com o professor e seus colegas, uma vez que tais encontros se tornarão essenciais para a compreensão total do assunto. Para incentivar o aluno a buscar informações, há que se trabalhar de forma diferente com a leitura fora de aula e o uso de técnicas dinâmicas em aula, como veremos adiante.

No entanto, quando o professor for usar a aula expositiva como técnica, é preciso que se lembre de algumas medidas indispensáveis para prepará-la e ministrá-la.

Na preparação da aula expositiva:

- ter claro o objetivo da aula, conforme explicamos acima;
- planejar a seqüência em que fará a explanação, para garantir que haja clareza e seqüência nas idéias, sem cair em digressões;
- considerar que há limite de tempo, para não cansar os alunos e favorecer a divagação;
- considerar a classe para quem vai se dirigir, escolhendo linguagem, exemplos etc., de acordo com os alunos;

- preparar uma notícia de jornal ou revista atual que poderá usar em determinado momento para chamar a atenção dos alunos; um exemplo ou caso bem adaptado ao que expõe; perguntas para formular aos alunos durante a explanação a fim de ativar a participação ou atenção dos alunos; preparar uma piada, ou um caso hilariante para alegrar e minimizar a tensão durante a fala;
- se for usar slides ou transparências, prepará-los apenas com imagens, tabelas, gráficos ou ítems indicativos e nunca com textos longos para serem lidos durante o tempo todo. Quanto a slides, calcular muito bem o número a ser usado: poucos, bem escolhidos, que ajudem na explicação ou permitam o debate e a discussão. Nunca usar um número excessivo que praticamente substitua a aula expositiva;
- preparar com antecedência os materiais e recursos necessários para a aula e verificar se, no espaço físico onde a aula será dada, há condições para o uso dos recursos. Nada mais frustrante para o professor e para o aluno do que chegar a uma sala com tudo preparado para a aula e o recinto não se mostrar apropriado, até por vezes pela própria iluminação natural que impede o uso de recursos audiovisuais.

Ao se dar aula expositiva propriamente dita, observar alguns pontos:

- deixar bastante claro para os alunos qual é o objetivo daquela aula;
- procurar ganhar a atenção dos alunos de início, mediante a apresentação de um problema, de uma pergunta ou de um desafio;
- considerar o ritmo da classe para tomar notas, refletir sobre o que está ouvindo, fazer perguntas, apresentar os pontos difi-

ceis mais devagar, ou repetindo o mesmo conceito ou idéia sob diferentes formas, e, por vezes, permitir pausas rápidas para uma comunicação entre os próprios alunos;

- dirigir-se pessoalmente aos alunos, pedindo deles um *feedback* sobre a clareza do que está expondo, olhando-os nos olhos um a um, e para isso locomover-se pela sala, comunicar-se com os alunos;
- utilizar-se livremente de recursos auxiliares à palavra para se fazer entender ou para manter o interesse e a atenção dos alunos; mantendo-os, porém, na categoria de "recursos" e não de elementos principais;
- evitar considerar as distrações dos alunos afronta pessoal ou desrespeito; em vez disso, utilizar esses indícios para reorientar sua própria exposição: é o momento de uma pergunta à classe, ou de se comentar uma notícia de jornal, ou mesmo, de contar uma piada, ou de abrir uma janela para conseguir mais ventilação. Afinal, a aula expositiva exige do aluno uma posição passiva, nem sempre fácil de se manter.

2. Debate com a classe toda

O objetivo principal dessa técnica é permitir ao aluno expor-se em público, apresentando suas idéias, suas reflexões, suas experiências e vivências, ouvir os outros, dialogar, respeitar opiniões diferentes da sua, argumentar e defender suas próprias posições. Permitir ao aluno valorizar o trabalho de grupo, percebendo como a discussão entre todos e as experiências de todos são mais ricas do que as de uma só pessoa.

Há alguns pressupostos básicos para o funcionamento dessa técnica:

- o professor deve dominar bem o assunto sobre o qual se dará o debate;
- o tema indicado pelo professor deverá ser preparado pelos participantes do debate com leituras e pesquisas anteriores, trazendo o material preparado para a discussão;
- o professor deverá garantir a participação de todos, evitando o monopólio das intervenções por parte de alguns apenas. Todos deverão ter oportunidade para fazer uso da palavra. Inclusive o próprio professor precisará se policiar para não interferir a todo instante e com grande tempo de manifestação, mesmo que seja para resolver mais rapidamente a questão apresentada. Esse comportamento pode comprometer os objetivos da própria estratégia.

Como realizar essa técnica?

O professor em data anterior ao debate escolhe um tema, sugere leituras e bibliografia básica e orienta para que se estude o assunto e se façam anotações.

No dia do debate, o professor ocupará o papel de mediador, expõe o tema, fixa um tempo para a atividade e abre a palavra aos participantes. Daí para a frente procurará garantir a palavra a todos para fazer comentários, apresentar questões, levantar dúvidas de compreensão do assunto, formular perguntas, complementar comentário do colega, e assim por diante. O coordenador do grupo estará atento para contornar monopolizações, trazer o grupo de volta ao tema central sempre que houver dispersões, administrar o tempo e orientar para que, ao final do debate, se possa chegar a algumas conclusões para seu fechamento e para as questões não ficarem no ar.

A técnica em geral é bem-sucedida com pequenos grupos. Apresenta maior dificuldade quando realizada com grandes grupos. Nessa situação, sugiro o emprego de outra técnica, por exemplo, o painel integrado sobre o qual falaremos adiante.